

TEIXEIRA

NOVEMBRO 2018

BOLETIM INFORMATIVO Nº112 | PREÇO 0,50€



ASSOCIAÇÃO

AMIGOS

DA TEIXEIRA

AAT - FUNDADA EM 1971

ASSEMBLEIA GERAL
10 DE NOVEMBRO

PROPRIEDADE E EDIÇÃO

Associação Amigos da Teixeira
238 661 058 | 964 184 739
associacao.amigos.teixeira@gmail.com
www.amigosdateixeira.pt

DIRECÇÃO

Artur de Figueiredo

COLABORADORES

(DESTA EDIÇÃO)

Anabela Brito
Carlos Lima
João Álvaro
Lucília Santos
Paulo Pereira

FOTOGRAFIA

Imagens de arquivo

APOIO INFORMÁTICO

Fernando da Silva Figueiredo

TIRAGEM

310 exemplares

PERIODICIDADE

Trimestral

IMPRESSÃO E PAGINAÇÃO

IMAGEM MULTIMEDIA
Produção de Imagem
Rua Dr. Gaspar Rebelo, 13
6270-436 Seia

Os colaboradores desta publicação são
livres de utilizar ou não as regras constantes
do Acordo Ortográfico em vigor.



editorial

*“Nenhum homem tem o privilégio de entender o futuro,
a não ser que esteja preparado para o criar”*

Fernando Pessoa, (1888-1935)

Caros Associados,

Mais um verão que passou, o ano está a chegar ao fim e é com enorme satisfação que continuamos a contribuir para que todos vós, junto com a família e amigos tenham tido os melhores momentos de descanso e lazer tão importantes para enfrentar um novo período de trabalho, dedicação e responsabilidade.

Este é um ano de eleições para o próximo triénio da AAT, todos sabemos da importância deste ato e também sabemos o que significa para o nosso futuro; apelo a todos vós por isso, que se empenhem no processo eleitoral e participem ativamente exercendo o vosso direito de voto, contribuindo assim para o progresso e evolução da nossa associação como fator diferenciador e de referência no âmbito da nossa freguesia e concelho.

A apresentação de candidaturas é sinónimo de vitalidade, motivação e empenhamento dos teixerenses que apostam não só no progresso, na modernização e na consolidação financeira da associação, mas também na componente social e cultural.

A AAT é já uma referência em termos de freguesia e concelho, cabe-nos a nós todos continuar o nosso trabalho, defendendo os nossos princípios e boas praticas das quais muito nos orgulhamos.

Apenas mais uma importante informação, está a AAT em conjunto com a Proteção Civil a realizar um conjunto de ações de proteção e defesa não só do património florestal, mas também de proteção do perímetro da aldeia, assim que concluído, estaremos em condições de garantir a segurança de todos, com o apoio e a coordenação das entidades competentes.

Desejo a todos um Feliz Natal e um Excelente Ano Novo,
Um forte e sentido abraço para todos.

Carlos Figueiredo

Presidente da Associação Amigos da Teixeira



notícias da Teixeira e da AAT

Assembleia Geral da AAT dia 10 de novembro

A assembleia Geral da AAT marcada para o dia 10 de novembro

Vai ter lugar nas instalações da associação, no próximo dia 10 de novembro (sábado), uma nova assembleia geral da AAT, onde entre outros assuntos será debatido o pla-

no de atividades e o orçamento para 2019. A direção da associação apela à participação de todos os associados que tenham a disponibilidade para comparecerem e participarem nesta reunião.

Neste mesmo dia, a seguir à Assembleia Geral, vamos ter o magus-

to anual, onde todos estão convidados a saborear umas magníficas castanhas e o tradicional caldo verde - oferta da Associação. As pessoas interessadas em participar apenas terão de suportar os custos com as bebidas.

ASSEMBLEIA GERAL – CONVOCATÓRIA QUATRO DOIS MIL E DEZOITO

De acordo com o estabelecido na alínea c) do Artigo 23º, no Artigo 24º, no & 3º do Artigo 25º e & 2º do Artigo 26º dos Estatutos da Associação Amigos da Teixeira (AAT), convoca-se a Assembleia Geral em sessão ordinária para reunir às dezasseis horas do dia dez de novembro de dois mil e dezoito, na sede da AAT, sita na Rua Nossa Senhora da Conceição 5, Teixeira 6285-051SEI com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Leitura e aprovação da ata número 62.
2. Apresentação, discussão e aprovação do plano anual de atividades e orçamento para dois mil e dezanove.
3. Outros assuntos.

Caso à hora marcada não estejam presentes metade dos associados em pleno gozo dos seus direitos, nos termos do 2º da Artigo 28º convoca-se a Assembleia Geral para as dezassete horas, mantendo-se o dia e o local.

Teixeira, 27 de setembro de 2018

O presidente da Assembleia Geral

(Carlos Fernando Reis Marques)

Pagamentos e Donativos

Os associados que queiram proceder ao pagamento das quotas podem contactar directamente com o secretário da direcção, Artur de Figueiredo, responsável pelo recebimento e controlo das quotas e dos donativos dos associados e amigos da AAT, quer na área da Grande Lisboa, quer na Teixeira. Em alternativa, os associados podem também proceder ao pagamento das suas quotas (com um valor anual de 12 euros) por transferência bancária, com a indicação do seu nome ou do número de associado para a seguinte conta:

Entidade bancária da AAT
Caixa Geral de Depósitos (CGD)
Conta
0201050449330
NIB
003502010005044933064
IBAN
PT50003502010005044933064



Recebemos os seguintes donativos:

António Francisco Loureiro	10,00€
Cacilda Santos Reis	20,00€
Fernanda Gonçalves Silva Balhanas	20,00€
João Domingos Reis Gonçalves	5,00€
Joaquim Figueiredo Reis	20,00€
José Carmo Matias	10,00€
José Manuel Figueiredo	7,00€
Laurinda Gonçalves Silva A. Santos	20,00€
Mário Neves Pereira	120,00€
Rafael Reis Quintaneiro	6,00€
Laurinda Reis Pereira	54,00€
António dos Santos Figueiredo	20,00€
Maria Conceição Mendes Faria	10,00€
João Reis dos Santos (S. Romão)	22,00€
João Marques Pereira	10,00€

Nascimentos

Nos últimos meses nasceram muitos bebés, filhos ou netos de teixeirenses. No dia 27 de maio, nasceu o Santiago, filho da nossa associada Rita Sofia das Neves Mendes e de João Paulo Fernandes e bisneto de João Álvaro Pinto Mendes.

Já no mês de junho, no dia 30, foi a vez do Gonçalo Santos e da Filipa Nogueira serem pais de mais um menino: o Xavier.

E em agosto nasceram mais bebés: no dia 27 de agosto nasceu o

Rodrigo, filho da Marta Sofia Pereira e do João Luz Caetano.

Também a 27 de agosto mas de 2017 nasceu a Leonor, filha de Rui Miguel Figueiredo e de Karina FRANCO.

No mês de setembro, no dia 2, nasceu uma menina: a Maria Clara, filha de Pedro Silva Balhanas e da Bárbara Cunha Marques.

Por último, no dia 4 de outubro, nasceu a Vitória, filha da Ana Filipa Pinto Bicho e de Mário José Marques Morais.



Estas crianças farão com que a Teixeira se perpetue no Tempo!

A todas elas e suas famílias a AAT deseja as maiores felicidades.



Doentes

Encontra-se internado no Hospital de Seia o nosso associado José Gonçalves. Também o nosso associado António Gomes

Reis foi recentemente operado em Coimbra mas já se encontra em casa a recuperar. Mais recentemente, a nossa associada Felicidade Pinto foi

também alvo de uma operação no Hospital Amadora-Sintra. A todos a Associação Amigos da Teixeira deseja as rápidas melhoras.

O Verão na Teixeira

Mais um verão animado se passou na aldeia, com muitas famílias a escolherem a Teixeira como local de eleição para as suas férias. A festa, em honra do

Santíssimo Sacramento, e a piscina foram alguns dos principais fatores atrativos. A piscina registou sempre uma forte afluência quer da parte da população, quer por parte de vi-

sitantes da região. Da mesma forma, a área de refeições da associação esteve sempre muito concorrida.

No dia 15 de agosto teve lugar mais uma assembleia geral da AAT, onde



entre outros temas foi discutida a queimada realizada pela Proteção Civil. Nesse mesmo dia, foi também realizada a missa anual por alma dos associados já falecidos e que muito lutaram e contribuíram para o bem comum da população.

Nesse mesmo dia à noite, a esplanada da Associação foi o palco para a realização de um espetáculo de magia, com palhaços e jiboias à mistura, que divertiu os pequenos e graúdos. Já no dia 2 de setembro, celebrou-se o 101º aniversário da nossa associada Georgina Figueiredo, na companhia dos filhos, netos e restante família, com um almoço no salão da associação. A direção da AAT deseja os votos de muita saúde à nossa querida associada.





Espaço da Escrita

Sobre a Teixeira

Por: Anabela Brito



Em tempos conversando com o meu sogro, João Antunes Pinto de Brito, ele mostrou-me uma pequena brochura, datada de 1956, que era um ensaio monográfico da freguesia da Teixeira, nela vinha uma série de histórias, como “O Boi de D. Miguel” e “A Bicha Fera”. Nestes tempos de saudade e solidão, voltei a pegar neste pequeno ensaio e, achei-o uma maravilha. Nem todos os Teixeiraenses têm este livro, principalmente as gerações mais novas, por isso quero partilhar na íntegra esta preciosidade.

Vou transcrevê-lo em vários números, para não ser muito extenso. Neste número começa com o prólogo que é um lindo texto.

Leiam e apreciem, se puderem guardem, pois é digno de conservar.



PRÓLOGO

Avivar as tradições, quando estas jazem adormecidas num enorme campo, onde as sementes, durante séculos, havendo sido lançadas á terra, por falta de cultivo, não saíem, com toda a pujança ao sol criamoso de sob as cinzas douradas dos factos, e se de vez em quando têm florescências, é para logo a geada da indiferença as queimar e também para o sórdido materialismo, pão de ambiciosos, as fazer cair exangues, constitue acto de benevolência. Nem a lei queria saber desta espécie de economia que é património do espirito, fonte de princípios que geram o Regionalismo, a mais bela expressão do Nacionalismo. Bem andariam os Governos, aconselhando esta propaganda, e até impondo-a ás autarquias locais, a-par-da da Administração.

O conhecimento da terra, das virtudes dos homens que nela tiveram o berço, ou a adoptaram e honraram, os feitos que nela ocorreram e vêm nos Lusíadas, porque não reger obrigatoriamente e defender tão preciosas ideias?

Nem a vida do mundo teria saltos abismais, se todos os caracteres se houvessem formado ao calor duma lareira, ou sob um fresco e alpendrado balcão, no enlevo

do céu, do sol e da luz que projectam e que de lá vem, daquele oiro que não tem igual noutros países, do luar que infunde nos corações as saudades, ouvindo sempre um conto!...

E se fôssemos na toada desse primeiro conto, se seguissemos o caminho que nele nos indicaram, do tempo em que éramos, para aquele para onde vamos, nem a fome, nem a guerra, nem a peste teriam de montar os seus apocalípticos cavalos, para à desfilada correrem sobre o mundo.

Esse conto começava assim: — «Um dia!»... vão já muitos anos passados, vejo essa coluna da vida, começada em luz, reparo na árvore que sobe a-par, na ramaria que cobre os nós dolorosos, até deles fazer sair as saudades.

«Um dia, dos anjos»... a lareira, sobre negra lagea, à roda banquitos, cosinha breada, no sítio da chaminé, papéis de caprichosos recortes, nos armários, reluzentes do esfregão, como sendo de prata as panelas de folha, pratos muito encostados, nas prateleiras, dando a impressão, aos nossos poucos anos de caminhada pelo mundo, que eram na escuta da voz inebriante que guiava a nossa fantasia e que cochichavam seu sentir, no conto que uma figura de marfim, de que são feitas as imagens dos santos, dizia:

«Um dia, dia dos anjos, um dia santo» e santos são todos os da nossa inocência... malgas branquinhas, ramalhettadas no seu vidrado, para as quais, sobre as *trempes*, a fervente panela gorgolava, a dizer que o caldo era pronto... à noite começava o conto de cada um: o do bem que havíamos de procurar, no trabalho honesto, que caminha ao lado da honra, o do mal que deveríamos repelir.

as figuras dos heróis: gigantes a tombar Adamastores, com mais força que Atlas, de mundo às costas, dos sábios que a ciência não tinha mais que dar-lhe, dos Santos aos quais Deus havia confiado poderes, para tirarem os homens da morte para a vida.

«Um dia dos anjos, um dia santo, um lindo dia»... quando a realidade, como espada de aço fria, manejada por força oculta, começou de dar golpes na couraça de poesia e crença que vestia o meu espírito, lembrei-me de rever o livro escrito no meu coração e vá de ditá-lo, como o sentia, mas sem poder dar-lhe a forma desse sentimento, por me faltar «engenho e arte».

E «um dia, dos anjos, dia santo, um lindo dia», o do conto que aprendi em pequenino, tem orientado toda a minha vida, eu vi depois que era o que cantou Camões, o de Deus e Pátria, porque em cada sessão dessas histórias, cujo ritmo quisera que jamais acabasse, terminava, orando-se pelas almas, por os que andavam sobre as águas do mar, e para que Deus os livrasse, por intercessão de seus santos e anjos, da peste, da fome e da guerra.

E logo iam os sonhar com o mundo de bondade e de fé, que nos criaram, como um paraíso, donde não poderíamos ser expulsos, por haver à porta guerreiros para escorraçar o diabo. Todos temos o nosso conto, o nosso romance e eu vou dizer alguns passos dele, deste intimamente ligado à terra, ao céu, à claridade deste cantinho, o conto com que venho sonhando, desde há muito: Impressões pessoais que recebi ao serão e que a memória jamais esqueceu. É o conto dos homens e dos factos, das terras, da serra e este que vai seguir-se, contém um episódio de fé, de verdade, de abnegação e sacrifício!...

Dicionário de termos usados na Teixeira

Por Lucília Santos

As palavras aqui apresentadas são o resultado de muitos anos em convívio com os nossos antepassados. Tentei organizá-las nos moldes de um dicionário tradicional, sem preocupações etimológicas ou gramaticais, mas sim no contexto em que elas eram usadas para assim perceberem o seu significado.

Letra S

Sachar – Arrancar a erva ao milho, batatas, etc
Safra – Colheita
Sainete – Coisa que suaviza a má impressão de outro; qualidade agradável de alguma coisa
Salamantiga – Salamandra
Salciada – Pisada; calçada
Salgadeira – Arca em madeira onde se salgavam os presuntos e restantes carnes do porco
Saltarico – Que não para quieto
Saluçó – Solução
Samarra – Casaco com gola de pele de raposa
Samarudo – Diz se fruta verde (diospiro) que deixa um mau sabor na boca
Sandeirão – Queda
Sangradeira – Faca da matança
Sangria desatada – Caso urgente; Pressa
Sapeira – Sono
Sarilho – Máquina artesanal para enrolar o fio da meada
Sarniquento – Criança que gosta de aborrecer os outros; chato
Sarrão – Saco feito de pele de ovelha para transportar a farinha
Sarrar – Serrar; cortar madeira
Sãzinho – Que não está podre
Selamurdo – Pessoa de poucas falas
Senisga – Pessoa esperta
Sequeira – Diz-se do tempo que vai muito seco e mau para a agricultura
Serapoto – Pessoa que está sempre a cair, não se segura em pé
Seródio – cultura que vem mais tarde
Sertã – Frigideira
Seu parceirinho – Dedo anelar
Sina – Hora propícia
Sirigaita – Rapariga espevitada
Sobrado – Chão de madeira
Sobucado – Assustado
Soleira – Degrau da porta de entrada
Solho – Madeira de pinho
Solipampa – Desmaio; bebedeira
Soltura – Diarreia
Somenos – Sem valor, que não presta; com má apresentação
Songamonga – Pessoa sonsa, dissimulada
Sonorento – Com sono

Sorgaços – Planta que cresce nos matos
Sorna – Preguiça
Soro – Líquido sobranço do fabrico do queijo
Sovina – Pessoa muito apegado ao dinheiro; que não gosta de gastar; Forreta
Sprito – Espírito
Streloucado – Tresloucado; sem juízo
Stronchar – Cortar
Surdir – Desembaraçar, que valeu a pena
Sustância – Que dá força

Letra T

Tabulecas – Duas tábuas de madeira usadas na sexta feira santa para chamar as pessoas à oração, uma vez que nesse dia não se podia tocar o sino
Taleigo – Saco de pano utilizado para transportar a farinha (veio substituir o sarrão)
Talhada – Fatia
Talhadoiro – Pedras que são colocadas ao longo da levada e que servem para cortar a água
Tanázias – Tenazes
Tanganho – Pau
Tanteiar – Ter capacidade de medir distâncias a olho
Taralhoco – Pessoa que não diz coisa com coisa, Pateta
Taranta – Palerma; Simplória
Tarecos – Testículos
Tarro – Sujidade
Tasga – Utensílio de madeira que serve para unir a coleira das cabras
Teichelo – Travessa de madeira perpendicular à porta e que serve para a manter fechada
Temporão – Cultura que vem mais cedo
Tempras – Arco de ferro sustentado por três pernas de ferro onde assenta a panela
Tender – Estender a massa
Tesicar – Chatear
Tesorelho – Papeira
Testo – Tampa da panela
Tiborna – Parto tradicional feito á base de bacalhau, batatas, couves e muito azeite
Tiçã – Pedaco de lenha meio queimada
Ticharanha – Teia de aranha
Tinhoso – Nojento; Repugnante

Tino – Juízo
Tisicar – Atormentar; maçar
Toada – Barulho
Toco – Pau seco
Toino – Maluco
Toirão – Gato selvagem
Tolhido – Preso (referente ás pernas)
Tomata – Tomate
Topadela – Pancada com os dedos dos pés descalços
Torgalho – Pequenos bocados de torga
Toutiço – Cabeça, nuca
Traita – Bom senso
Tralha – Conjunto de várias coisas
Tramanho – Jeito, habilidade
Trambeliar – Andar aos trambolhões
Trambolhão – Queda, tombo
Trambuzinada – Trovada
Tramoia – Problema
Tramouca – Pessoa que não percebe nada; Surda
Trampolineiro – Diz se de individuo que muda facilmente de opinião
Tranbelo – Sem Juízo
Tranca – Pau que serve para trancar a porta do curral
Trapalhão – Pessoa mentirosa; Aldrabão
Trastejar – Não parar quieto, estar sempre a fazer algo
Treçolho – Espécie de frúnculo na borda da pálpebra
Treleca – Pessoa faladora
Tremedário – Tremor
Tremelicar – Tremar
Tresmalhado – Ficar para trás
Tretório – Sacrifício
Trincaldo – Girino de onde se formam as rãs
Tripeça – Banco redondo em madeira com três pés
Trízia – Icterícia
Troçar – Dizer mal de alguém
Troiveram – Trouxeram
Troloró – Boa vida
Tronga – Mulher mal vestida, desajeitada
Trôpego – Pessoa pesada que têm dificuldade em andar
Trouxa – Tonta; saco de roupa
Tulha – Lugar onde se deposita a azeitona antes de ser levada para o lagar
Turra – Teimosia
Túrrio – Teimoso

Ritual de passagem à moda dos Minhotos

Por Paulo Pereira

Caros Teixeiraenses: estou de regresso às páginas desta nossa revista, com todo o prazer e todo o orgulho, cerca de três anos depois da última vez. Na altura senti que nada mais tinha a partilhar convosco que pudesse ser do vosso agrado, mas entretanto o tempo passou e deu-me mais Histórias da nossa terra que agora me preparo para vos contar, mas antes...

... tenho de agradecer aos que me elogiaram a escrita e disseram o quanto gostaram de aqui ler as minhas palavras. Portanto, a vocês o meu muito obrigado!

À História do dia, então.

Como por esta altura já devem saber, sou o Paulo. O “da Almerinda”, um dos Minhotos.

Eu, assim como os meus primos, sou Teixeiraense “por afinidade”. Não nasci nem nunca aí vivi; vou a Teixeira desde sempre mas como “turista”. Para desfrutar da paisagem, da piscina, do contacto com as pessoas da aldeia de quem tanto gosto. Por prazer.

Isso explica o título deste texto: para nós, Minhotos Teixeiraenses por afinidade (eu e os meus primos, portanto), nascidos e criados na Grande Lisboa, as festas de Teixeira são um ritual de passagem no qual cada um de nós se torna, de facto, num de “vocês”, Teixeiraenses “puros”.

Quando falo em Teixeiraenses “puros” falo em pessoas como a minha Mãe ou os meus Tios, que lá nasceram e cresceram antes de ter de vir para aqui em busca duma vida melhor.

Ao contrário deles que cresceram na aldeia e de todos eram conhecidos, eu e os meus primos, das primeiras vezes que lá fomos, éramos estranhos às pessoas. E quando nos perguntavam “De quem é que tu és?” não tínhamos nada que levar a mal; quem nos fazia tal pergunta fazia-a por saber que estava a falar com o filho de alguém da aldeia – um seu conhecido, portanto. No entanto, tenho duas coisas a confessar: em primeiro lugar que, da primeira vez que me fizeram a pergunta não

percebi que era para responder o nome da minha Mãe e respondi: “ – De quem é que eu sou? Ora essa... eu sou MEU!” e, em segundo, que me deu grande prazer e orgulho quando ouvi o meu filho, à minha frente, responder a um senhor que lhe tinha feito essa pergunta apontando para mim e dizendo: “ – Eu... eu sou DELE!”

Íamos ganhando a confiança das pessoas até à noite em que nos tornávamos “uma delas” – e essa noite era sempre nas festas. Então vamos por partes...

... quando voltei a Teixeira “de vez” (indo lá no mínimo uma vez por ano) foi, salvo erro, no ano de 2007. Fui sozinho, mas os meus primos ficaram interessados, de tal maneira que me ligaram (de Lisboa) nessa noite a perguntar “como estava a festa” e meia-dúzia de horas depois me estavam a entrar quarto dentro de surpresa! E para ter mais piada vou acrescentar os nomes todos: estou a falar dos meus primos Miguel e André (do Zé Maria), Álvaro (da São) e Pedro (do Anselmo).

E porque me lembrei disto agora, mais de dez anos depois? Porque revi exactamente o mesmo “ritual de passagem” pelo qual esses meus primos passaram nessa altura só que desta vez quem o fez foi... o meu filho, o Mauro. Exactamente igual ao dos primos! Daí eu falar num ritual típico da nossa geração, os Minhotos Teixeiraenses por afinidade, o qual passo a descrever:

- O 1º ano é o ano zero. Ainda conhecemos mal as pessoas, não sabemos bem as “regras do jogo” (nesta altura ainda nem sequer o “Broas Bar” conhecemos...!) e temos medo

de dar mau nome à família. Neste 1º ano praticamente nem vamos à festa; quem sabe onde fica a nossa casa sabe que nos basta ir à janela para entrar no recinto, portanto... no 1º ano somos discretos. Ou tentamos ser!

- O 2º ano é o ano da arrogância! Chegamos a Teixeira cheios de confiança. As pessoas reconhecem-nos do ano passado, perguntam pelos nossos pais, oferecem bebidas. Sentimo-nos em casa, os Reis da aldeia! Vamos para a festa e quando damos por nós...

... estamos a voltar a Lisboa com uma ressaca do tamanho da Serra, sem nos lembrarmos de quase nada e com o número de telefone de alguma miúda gira conhecida na piscina.

- O 3º ano é o ano em que tudo corre certo, o ano em que o ritual se concretiza. À 3ª é de vez! Então, com a experiência dos dois anos anteriores, fazemos tudo como deve ser: conhecemos pessoas bonitas na piscina. Juntamo-nos aos amigos de anos anteriores. Bebemos (mas sem os excessos do ano anterior), dançamos e, mais importante: abrimos as portas de nossa casa a amigos e amigas. Outras coincidências engraçadas: são sempre mais amigas que amigos; a primeira coisa que se oferece a uma dama que entre no nosso lar é um “shot”; e a nossa banda-sonora (tanto há 10 anos com os meus primos como nos últimos anos com o meu filho) dentro de nossa casa é sempre... rap.

Acabo corrigindo o poeta, porque quando se fala nos Minhotos, “Mudam-se os tempos mas não se mudam TODAS as vontades”!



Espaço saber

Habitação serrana

Por Carlos Lima

Somos tentados a entender a nossa habitação de hoje como o local a que damos a maior atenção e onde investimos grande parte dos nossos rendimentos.

No passado o pensamento era bem diferente.

Na montanha, o primeiro pensamento era o da sobrevivência, sobretudo ao clima. Assim, “habitação” era vista como um abrigo. Não precisava de ser grande, ter muitas divisões, nem tão pouco acabamentos de luxo.

A evolução da “palhota” como abrigo para “casa” foi gradual e lenta.

A palhota tinha apenas uma divisão, normalmente sem janelas, ou uma pequena abertura e uma porta. Servia de abrigo aos pastores para pernoitar. Era construída em formato quadrado, com um piso e raramente tinha mais de 5 ou 6 metros quadrados no interior, suficiente para 2 ou 3 pessoas.

Quando se juntavam vários pastores na mesma área, haveria a tendência para aproveitar o tempo cultivando as áreas circundantes, junto a rios, de modo a obter da terra algo mais durante a sua permanência de verão em regiões de pasto muito agrestes no inverno.

Em poucos anos, verifica-se a possibilidade de permanência fixa nestes locais e assim, uma após outra, as famílias vão estabelecendo aldeias em locais que lhes permitem desenvolver a atividade agrícola de forma permanente.

Estas aldeias são agora compostas por edifícios um pouco maiores. Pelo acidentado do terreno, 2 pisos são comuns. Continuam habitações de um só espaço, que contém lareira, espaço à volta do qual se come também e espaço para descansar. No piso inferior fica o espaço de arrumação de utensílios, “loja” ou adega e/



ou espaço para animais, geralmente um porco. Muitos casos existem em que este fica numa pequena corte contígua à casa, quando o edifício é de apenas um piso.

A construção continua baseada na pedra, paredes grossas, janelas poucas e pequenas quando existem e telhado de palha. O rigoroso frio do inverno determina todas as defesas possíveis na altura. O chão ainda será de pedra ou terra, raramente de madeira.

Há 200/300 anos existiam invernos com semanas seguidas de neve e verões que duravam menos de 2 meses.

O passo seguinte foi a separação da cozinha. Passou de estar num espaço central da casa para um dos cantos. Continua a ser a única fonte de aquecimento da casa quanto à sua lareira, mas tem agora utensílios que passam a estar num espaço próprio. Há uma clara tendência para arrumar melhor. As roupas ganham espaço normalmente numa caixa grande de madeira, para as proteger. As camas ganham altura desde o chão e surgem nesta altura os primeiros “sobrados”. Estes são áreas de descanso já com divisões, parecidos com os quartos de hoje, onde praticamente

só cabe a cama. Permitem alguma privacidade mas apenas para os donos. Os filhos continuam ainda a dormir 3 e 4 na mesma cama.

Depois desta fase vem a fase do alargamento. Casas maiores, lojas maiores, raramente ainda com mais de 2 pisos, mais espaço interior e melhor qualidade de construção, sobretudo no telhado. Os sobrados passam a ter varanda corrida e a cozinha fica por vezes num espaço fora de casa, noutro edifício contíguo.

Estamos no início do século XX e ainda não temos telhas, eletricidade, casa de banho interior, sala de refeições, quartos com roupeiro, água canalizada, estradas em condições, educação para as crianças, médico a menos de um dia de caminho...

Cada um de nós que feche os olhos e pense no que tem hoje nas suas casas. Mesmo quando voltamos à aldeia tentem (não é fácil para muitos) imaginar como seria viver nesse tempo.

Ao abrir os olhos sorriam e chegaram à mesma conclusão que eu.

Que sorte poder viver nos dias de hoje, com tudo o que a sociedade e o progresso nos oferecem, num país longe de conflitos!

A azeitona e o lagar

(Autor desconhecido)



Terminadas as colheitas do verão, a apanha da castanha e do medronho, em dezembro, com muito frio, procede-se à apanha da azeitona. Trabalho árduo, não só devido ao frio, mas também ao facto de homens e mulheres passarem o dia no cimo das escadas, que com jeito, à mão e “aganchando” os ramos que não chegam vão apanhando a azeitona, que cai para cima dos toldos e mantas que estão estendidos no chão em volta da oliveira. Mudar as escadas, os toldos é tarefa frequente, mesmo sendo na mesma oliveira. À noite, ao serão, a azeitona que é colhida nesse dia tem que ser escolhida, ou seja, retirar as folhas, indo depois para a tulha (monte de azeitona), aguardando a ida para o lagar. Deitam-se punhados de sal para que esta não apodreça.

Antigamente quando o lagar ainda funcionava, as pessoas sabiam quando era a sua vez, pois os lagareiros começavam a medir a azeitona e a acarretar às costas para o lagar, um ano pelo cimo do povo, no outro começavam no fundo do povo, levando tudo a eito. Se por acaso chegassem a alguma casa e o dono ainda não tivesse apanhado a azeitona toda, passavam à casa seguinte, mas logo que estivesse apanhada era transportada para o lagar.

Os lagareiros mediam a azeitona com a rasa (medida antiga, cuja a capacidade, em azeitonas normais correspondia mais ou menos a 25 kg). Para o lagar da Teixeira vinha ainda a azeitona dos Trigaís e da Teixeira de Baixo, tudo acarretado às costas ou nos burros.

O lagar existente na Teixeira é de vara, e a trabalhar dia e noite conseguiram moer por dia 3 moinhos de azeitona (12 ou 14 razas por moinho). Era um trabalho bastante difícil, pago com o azeite e o bagaço.

Este tipo de lagar funcionava através de uma roda movida a água - a retroz, que se encontra na parte exterior do mesmo e está ligada a outra roda que está dentro do lagar - o rodete, que por sua vez ligada à peneira faz com que a galga (mó), presa ao moirão (pau ao alto localizado no centro da peneira) rode, moendo assim a azeitona que foi deitada no pio, demorando cerca de 4 horas a moer.

Depois de moída a massa é transportada para o enceradoiro, onde é metida nas ceiras. As ceiras utilizadas antigamente eram feitas de uma palha existente na Serra de Estrela, o esparto, sendo depois remendadas com junça. Depois de cheias, as ceiras são empilhadas umas por cima das outras no enceradoiro, colocando por cima os malhais (grandes pesos em madeira) até chegar à ponta da vara. A outra extremidade da vara está sobcarregada com um grande cilindro de pedra, o peso que ligado à vara pelo fuso, e com a força dos homens levanta e fazia baixar a ponta vara para comprimir as ceiras, espremendo-lhe o azeite, ficando assim durante várias horas.

O azeite junto com o aziabre (borra preta e acida) iam escorrendo para as tarefas (potes de barro que depois foram substituídos por pias em granito). Quando o azeite deixava de cair, levantava-se a vara tiravam-se os malhais e o bagaço da azeitona era mexido e caldeado, isto é, juntava-se água a ferver, com a finalidade de espremer mais azeite. Sendo depois efetuado o

mesmo processo inicial para voltarem a ser comprimidas.

A água a ferver era aquecida e retirada da enorme caldeira que se encontrava dentro da fornalha. Nas tarefas era separado o azeite do aziabre, deitando a pouco e pouco água a ferver, o azeite limpo vinha ao cimo. Abria-se depois uma torneira que estava no fundo das tarefas para sair a água e o aziabre (águas russas) que iam para a ribeira (atualmente o lagar têm uns tanques - o poço do inferno, para onde vão essas águas).

Antes de começarem a medir o azeite tiravam 1/2 litro para a lenha e 1/2 litro para o acarreto (para quem acarreta a azeitona para o lagar) e 1 litro para o lagar. Mediam depois 10 litros para o dono da azeitona e 1 para o lagar.

A paga pelo trabalho era feita da seguinte maneira: os lagareiros ficavam com o bagaço, que era vendido para outros lagares industriais, e por cada noite que lá passavam ganhavam 1/2 litro de azeite. O azeite depois de medido era transportado pelos donos, em odres (recipientes feitos com pele de cabra curtida, que serviam para transportar líquidos). Por vezes davam aos lagareiros chouriços queijos, bacalhau e vinho.

Nem sempre eram os donos do lagar que o avinhavam (primeira azeitona a ser moída) mas para quem o avinhasse não lhe tiravam a maquia (azeite para pagar), moíam de graça.



O saber não ocupa lugar

Por João Álvaro

Tem sido minha preocupação desde que iniciei a colaboração na nossa Revista a diversificação dos temas por forma a abranger o máximo de temas. Se o tenho conseguido (ou não) cabe ajuizar aos meus estimados consócios que têm a coragem de os ler.

Escolhi, para este número, um tema polémico (ou não tanto) que sempre me apaixonou: A ASTRONOMIA. Com certeza, muitos de vós ao olhar um céu estrelado se interrogaram cerca do número das estrelas visíveis (com mais ou menos brilho). É que cada um dos pontos luminosos corresponde a uma estrela e a sua distância do planeta Terra é bastante variável. Vivemos todos num planeta que pertence ao sistema solar (a única fonte de luz em todo este sistema. Mas cada uma das estrelas que vemos brilhar concentra igualmente "sistemas" semelhantes ao nosso (pelo menos assim pensam os cientistas) Ora, sabendo nós que a velocidade da luz é de 300.000 Km

por segundo e que a luz de muitas das estrelas que vemos demora vários anos a chegar até nós, imaginemos então a que distancia se encontram, já que num ano a luz percorre 946 milhões de quilómetros.

Para simplificarmos (ou complicarmos) este artigo definiremos UNIVERSO como um conjunto de galáxias. Esta designação engloba estrelas, planetas, satélites, poeiras, nebulosas e imensos espaços vazios. Os cientistas estimam que passam os 100 mil milhões. A galáxia em que nos situamos é denominada VIA LACTEA ou ESTRADA de SANTIAGO. Ela comporta não só o sistema solar mas é composta por milhões de estrelas e planetas. A galáxia movimenta-se a 800.000 Km por hora e o movimento de rotação completa dura cerca de 225 milhões de anos. Não vale a pena começarmos a fazer contas sobre a sua dimensão pois (às tantas, como diz o povo) ficamos mesmo baralhadinhos de todo!!

Só para compor o ramalhete dire-

mos que é a força da gravidade que mantem os corpos celestes unidos dentro de uma galáxia, fazendo com que todas as estrelas girem em torno do centro ainda que nem todas se movimentem com a mesma velocidade.

Por fim deixo-vos a definição de UNIVERSO que nos dão os cientistas e que para a mesma não faço o mínimo comentário dado que a considero extravagante:

"Sendo difícil de definir, podemos dizer que universo é tudo o que existe na Terra e também fora dela, é tudo o que existe no tempo e no espaço, energia e matéria. Sua característica principal talvez seja o facto do universo ser infinito, não existir limite, nem início nem fim. A teoria mais aceite sobre a sua formação é a do Big Bang (uma teoria muito complexa).

Cumprimentos associativos (e boa leitura).

Vacina contra a Gripe

Com o aproximar do Inverno, tornam-se mais comuns os surtos de gripe. E há grupos mais vulneráveis aos efeitos deste vírus. Entre eles estão os mais idosos. Atenta a esta questão a Associação Amigos da

Teixeira está a promover uma campanha de vacinação. A vacina é totalmente comparticipada pela AAT para todos os sócios com 65 anos ou mais.

Festa de Fim de Ano na AAT

Uma vez que esta é a última edição da revista de 2018, a Direção da Associação Amigos da Teixeira aproveita a oportunidade para desejar a todos os teixeirenses e amigos da Teixeira um feliz Natal e um próspero ano novo. À semelhança dos anos anteriores, a AAT vai promover

um jantar especial de Réveillon, cujo programa se junta.

Contamos com a vossa presença para que todos possamos disfrutar de uma noite agradável e em Família.





ASSOCIAÇÃO
**AMIGOS
DA TEIXEIRA**
AAT - FUNDADA EM 1971

SEDE

AAT - Associação Amigos da Teixeira
Rua Nossa Senhora da Conceição, 5
6285-051 Teixeira-Sei
Telf.: 238 661 058 | telm. 964 184 739
E-mail: associacao.amigos.teixeira@gmail.com

DELEGAÇÃO DA GRANDE LISBOA

Rua Carlos Charbel Nº 35 3º D
2735 - 020 Agualva
Telm: 926 179 605 | Tel.: 216 028 866

coordenadas GPS da Teixeira
40°15'11"N 7°44'29"W

Visite-nos em
www.amigosdateixeira.pt

ISENTA DE REGISTO NA E.R.C., AO ABRIGO DO DECRETO REGULAMENTAR 8/99 DE 9/6, ARTIGO 12 º N º1.A